

Minha História no Museu do Ipiranga: Histórias da Infância

Minhas melhores recordações da infância foram as tardes de domingo no Museu do Ipiranga com a família. O espaço externo do museu era um convite à brincadeira: ladeiras para escorregar e um jardim de labirinto para se esconder.

No monumento imponente eu subia as escadas para admirar lá do alto o riacho histórico e a pira acesa em ocasiões especiais e dos lados da pirâmide branca encimada por esculturas negras, descia-se uma escada até uma porta de bronze ao lado da qual ficava uma sentinela vestido a caráter. Ao entrar pela porta a gente se via em um túnel escuro, que eu fingia ser as catacumbas e, adiante, se achava a cripta da imperatriz Leopoldina que, anos mais tarde, receberia a companhia de seu esposo Dom Pedro e Dona Amélia, segunda consorte do imperador.

Em meio a tudo isso, encontrávamos o realejo, que tocava música com a manivela e seu periquito que tirava a sorte, também havia o fotógrafo, com sua máquina esquisita sobre um tripé. As fotos, em preto e branco, só ficavam prontas na semana seguinte.

O prédio do museu não ficava atrás em encantamento: versão tupiniquim do Palácio de Versalhes, mas bem menor e não tão luxuoso.

Logo na entrada, dois canhões antigos ladeavam o portão. Ao entrar no prédio, chegávamos a um corredor horizontal, onde se viam carruagens e liteiras do tempo do império. No salão principal, majestoso, o quadro de Pedro Américo retratando o momento da independência, pródigo em cores e em detalhes. Tinha até um detalhe extra: a casinha que aparecia no quadro, segundo diziam, não existia naquela época, mas

foi construída depois. O pintor a retratou como ele a via no centenário da independência.

Não sei se a casinha estava ou não lá na ocasião, mas era um local feito para que os viajantes descansassem da jornada por estradas precárias e perigosas. De qualquer forma, era uma boa ideia da acolhida de São Paulo para com os viajantes, tropeiros e bandeirantes daquela época. Acolhida que São Paulo ainda demonstra ao receber migrantes e imigrantes do Brasil e do Mundo.

Para mim, o Museu do Ipiranga é o maior símbolo da minha cidade. Pena que permaneça fechado por tanto tempo e já não vá representar o mesmo para as novas gerações. Afinal, como disse um sábio, só se ama o que se conhece.